

Artigo de Revisão e/ou Atualização de Literatura

Terapia ocupacional em saúde mental: entre o campo e o núcleo profissional

Occupational therapy in mental health: between the field and the professional core

Cleber Henrique de Melo^a , Teresinha Cid Constantinidis^{b,c} 

^aFaculdade de Medicina do ABC, Santo André, SP, Brasil.

^bUniversidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.

^cUniversidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, ES, Brasil.

Como citar: Melo, C. H., & Constantinidis, T. C. (2024). Terapia ocupacional em saúde mental: entre o campo e o núcleo profissional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 32, e3616. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAR277636161>

Resumo

Introdução: Ao reconhecer a complexidade de muitos aspectos que envolvem o campo da saúde mental é importante que, na produção de cuidado, as competências profissionais sejam articuladas entre si. No entanto, o debate sobre os contornos e limites da terapia ocupacional tem se mostrado necessário para o desenvolvimento técnico-científico da profissão. **Objetivo:** Delinear as ações da terapia ocupacional que compõem a clínica comum ao campo da saúde mental e as que identificam seu núcleo profissional. **Método:** Utilizou-se o guia de revisão de escopo *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR). Foram incluídos estudos teóricos publicados em português entre janeiro de 2012 e maio de 2023. O levantamento foi realizado nas bases de dados Redalyc, Google Acadêmico e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), resultando na análise de sete estudos. **Resultado:** A análise dos estudos evidenciou que o núcleo específico da terapia ocupacional é pouco descrito, uma vez que o campo da saúde mental e suas premissas convocam terapeutas ocupacionais a conceber e exercer uma prática mediada por tecnologias híbridas com outros saberes. Segundo as pesquisas apresentadas, ao se referirem ao núcleo profissional, os terapeutas ocupacionais sustentam suas práticas relacionando-as à atividade humana, ao fazer humano, à ocupação e ao cotidiano. **Conclusão:** Identifica-se a necessidade de ampliar o debate sobre o núcleo profissional da terapia ocupacional no campo da saúde mental, não em uma perspectiva de disciplinar as práticas, mas para preservar o próprio trabalho profissional.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional, Saúde Mental, Competência Profissional.

Recebido em Jul. 19, 2023; 1ª Revisão em Ago. 15, 2023; 2ª Revisão em Maio 14, 2024; 3ª Revisão em Ago. 1, 2024; Aceito em Set. 20, 2024.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Abstract

Introduction: Recognizing the complexity of various aspects involved in the field of mental health, it is essential that professional competencies be combined in care provision. However, the debate on the boundaries and limits of occupational therapy has proven necessary for the technical-scientific development of the profession.

Objective: To outline occupational therapy actions that constitute common clinical practice within the field of mental health and those that define its professional core.

Method: The Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR) Checklist was used as the scoping review guide. Theoretical studies published in Portuguese from 2012 to May 2023 were included. The literature search was conducted in the Redalyc, Google Scholar and Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) databases, resulting in the analysis of seven studies. **Result:** The analysis of the studies showed that the specific core of occupational therapy is seldom described as the field of mental health and its premises summon occupational therapists to conceive and practice care mediated through hybrid technologies integrated with other knowledge areas. According to the studies presented, when referring to the professional core, occupational therapists base their actions on human activity, human doing, occupation, and everyday life.

Conclusion: There is a need to expand the debate on the professional core of occupational therapy in the field of mental health, not to discipline practices, but rather to preserve the profession's core work.

Keywords: Occupational Therapy, Mental Health, Professional Competence.

Introdução

A terapia ocupacional no Brasil vem ganhando, ao longo dos anos, destaque em variados cenários de atuação, inicialmente com foco e expertise voltados para o campo das ciências da saúde. Esse trajeto se amplia à medida que a área amadurece técnica e cientificamente, possibilitando a inserção em outros campos fundamentais, como o social, a educação, a cultura, o meio ambiente, entre outros. Esse cenário é viabilizado pelo envolvimento contínuo de profissionais e pesquisadores em discussões que visam ao aprimoramento técnico-científico e político da profissão e suas práticas.

Terapeutas ocupacionais têm sido instigados a olhar para dentro de sua profissão para analisar as potencialidades de sua atuação e a efetivação de sua prática no cenário brasileiro. Têm ocorrido discussões teórico-metodológicas visando ao aprimoramento e reconhecimento das especificidades do fazer da terapia ocupacional nos diversos campos de atuação. Conforme apontam Galheigo et al. (2018, p. 724), “[...] compreender a terapia ocupacional como um núcleo profissional composto por saberes e práticas implica explorar, conhecer e debater acerca das tendências e tensões que têm sido produzidas longitudinalmente no saber-fazer profissional”.

Nesse caminho, profissionais de terapia ocupacional têm realizado esforços ao investigar o exercício específico da profissão no campo da saúde mental. O núcleo profissional da terapia ocupacional em saúde mental tem sido alvo de discussão entre pesquisadores da área nos Grupos de Trabalho (GT) de Saúde Mental do Seminário Nacional de Pesquisa em Terapia Ocupacional (SNPTO). Essas discussões têm evidenciado que, apesar de a terapia ocupacional contribuir com a produção de

conhecimento no campo da saúde mental, é importante delinear contribuições específicas dessa profissão para esse campo, ou seja, o delineamento do seu núcleo profissional.

Ao mesmo tempo, sabe-se que as práticas em saúde mental na realidade brasileira – conforme destacado na 4ª Conferência Nacional de Saúde Mental: intersectorialidade, interprofissionalidade e multidimensionalidade – somente podem ser concretizadas mediante o compartilhamento com outros profissionais e seus saberes específicos. Nesse sentido, não se trata de defender a política de especialidade, nem mesmo o corporativismo ou a rigidez de identidade profissional, com ações protocolares e procedimentos para resolver situações classificadas a priori, mas de considerar o campo da saúde mental como um território de compartilhamento de saberes e “práticas híbridas” (Lima & Ghirardi, 2008).

Pode-se afirmar que a produção de cuidado no campo da saúde mental ocorre por meio de uma “clínica comum” (Feuerwerker et al., 2013), que se realiza no encontro das diferenças profissionais, resultado dos encontros entre diferentes singularidades, acontecimentos e perspectivas de produção de saúde e cuidado. Trata-se de uma clínica que produz um comum “[...] ao se instalar no trabalho de encontrar, sob as “aparentes pessoas” (“eus”, “tus”, nós), a potência de um impessoal interessante, um movimento de “todo mundo”, que de modo algum é uma generalidade, mas uma precisão de singularidades, em alto grau de experiências sutis” (Henz et al., 2013, p. 38).

Essa clínica comum no campo da saúde mental pode ser realizada somente a partir de novos atores e tecnologias que garantam a compreensão das complexidades dos usuários e da sua relação sociocultural com o processo de adoecimento, além de ações matriciais que ampliem e qualifiquem o cuidado nos diferentes níveis de atenção à saúde (Miranda & Cardozo, 2018). Uma clínica possível a partir das diretrizes políticas pautadas nos princípios da reforma psiquiátrica brasileira e no paradigma da atenção psicossocial, ou seja, em formas de produzir saúde mental pautadas na superação do modelo manicomial, com acolhimento e inserção dos usuários na coparticipação das tomadas de decisão no seu processo terapêutico e outros aspectos que impactem esse desenvolvimento.

Isso vem somar-se aos desafios impostos aos trabalhadores e à população alvo de atenção e cuidado em saúde mental no Brasil que habitam territórios onde estão presentes desigualdades sociais, estruturais e econômicas, além do racismo estrutural, homofobia, machismo, *bullying* e demais marcadores sociais, que são determinantes em um processo de adoecimento psíquico. Assim, é de fundamental importância considerar a interseccionalidade entre as várias características que atravessam a subjetividade dos sujeitos na saúde mental, como raça, gênero, deficiência e classe social. Dessa forma, a interseccionalidade, que constitui uma ferramenta conceitual na qualificação da dinâmica social e sua relação com a saúde, produz um olhar que vem ganhando força no campo da saúde mental (Romagnoli & Silva, 2022).

Ao reconhecer a complexidade e a interconexão de muitos aspectos que envolvem o campo da saúde mental, é importante que as competências profissionais sejam articuladas. Nesse sentido, qual a contribuição da terapia ocupacional para esse campo? Quais as características da terapia ocupacional na saúde mental brasileira? Para nortear essa discussão, consideramos pertinente referenciar o campo e o núcleo profissional, entendendo-os como caminhos que podem fornecer pistas para tais elaborações. Contudo, ao abordarmos essa temática, precisamos tomar cuidado para evitar as limitações disciplinares às quais essa discussão pode facilmente nos conduzir.

Campos (2000, p. 220) nos alerta que, para escapar desse paradoxo, fez-se necessário novas propostas para os conceitos de campo e núcleo. O “[...] núcleo demarcaria a

identidade de uma área de saber e de prática profissional, e o campo, um espaço de limites imprecisos onde cada disciplina e profissão buscariam em outras apoio para cumprir suas tarefas teóricas e práticas”. Nessa perspectiva, entende-se que os limites que se apresentam entre um e outro são permeáveis. Contudo,

[...] no núcleo, haveria uma aglutinação de saberes e práticas, compondo uma certa identidade profissional e disciplinar. Metaforicamente, os núcleos funcionariam em semelhança aos círculos concêntricos que se formam quando se atira um objeto em água parada. O campo seria a água e o seu contexto (Campos, 2000, p. 221).

Pode-se afirmar que o campo da saúde mental no Brasil é composto pela complexidade dos cuidados psicossociais, na busca da superação do modelo biomédico e da construção de um novo lugar social para a loucura, com afirmação de participação social e de direitos da pessoa em sofrimento psíquico e seus familiares (Amarante & Torre, 2017). Um campo marcado pelo debate teórico-prático e político entre diversos saberes e fazeres profissionais que se interconectam, na reinvenção da saúde mental e na produção de vida e sociabilidade (Oliveira & Daltro, 2020).

Costa-Rosa (2013) destaca a “integração em profundidade” dos saberes nesse campo. Para esse autor, essa integração se contrapõe à lógica manicomial, em uma atitude transdisciplinar que está em sintonia com a ética correspondente aos efeitos do Paradigma Psicossocial. Nesse sentido, a produção de cuidado em saúde mental ocorre em meio a desterritorialização do agir profissional por meio do ato coletivo de um trabalho em equipe.

Mesmo com a falta de limites claros entre os fazeres específicos dos profissionais e com as intersecções entre os diferentes núcleos profissionais que compõem o campo da saúde mental, é possível identificar contribuições oriundas de algumas profissões específicas. Por exemplo: compete ao médico a medicação, ao psicólogo a psicoterapia, ao enfermeiro procedimentos específicos de cuidado, entre outras (Constantinidis & Cunha, 2016). No entanto, qual é o núcleo profissional da terapia ocupacional em saúde mental?

Embora traçar as trajetórias e produções de conhecimento da terapia ocupacional no campo da saúde mental não seja escopo deste estudo, destaca-se que as pesquisas da área têm buscado apresentar práticas em ações diretas com os usuários dos equipamentos de saúde mental, na perspectiva da atenção psicossocial, e/ou têm se dedicado ao processo de construção do raciocínio clínico. Além disso, as perspectivas teórico-metodológicas da terapia ocupacional – como o Método da Terapia Ocupacional Dinâmica (Benetton & Marcolino, 2013), o Método da Escavação (Furtado & Fischer, 2011), entre outros –, a perspectiva de reflexão da terapia ocupacional como “produção de vida” (Quarentei, 2001) e a abordagem sistêmica e complexa dessa profissão (Pádua & Feriotti, 2013) contribuem significativamente para a atuação nesse campo.

É preciso refletir sobre a prática da terapia ocupacional em saúde mental em um campo de interconexão de fazeres com outras práticas profissionais, em uma clínica comum. Segundo Paim (2006), a prática profissional permite elucidar o núcleo profissional. Assim, na prática da terapia ocupacional, há intersecção de objetivos e instrumentos com o campo da saúde mental, o que leva à concepção de um núcleo profissional mais aberto e complexo.

Não se pretende buscar a uniformização ou homogeneização de práticas, métodos e teorias da terapia ocupacional em saúde mental, mas sim elementos que a caracterizem e identifiquem na atuação nesse campo. Apesar dos avanços na produção de conhecimento

e na prática profissional, ainda é notória a necessidade de caracterizar melhor o núcleo profissional da terapia ocupacional no campo da saúde mental. A definição desse núcleo profissional ainda está em aberto, em busca de delineamentos mais precisos, e, nessa perspectiva, cabe a este estudo trilhar um caminho ainda pouco explorado: colaborar para o delineamento desse núcleo nas práticas desenvolvidas em saúde mental no Brasil. Assim, este estudo tem como objetivo identificar ações profissionais que compõem a clínica comum ao campo da saúde mental e ações que definem seu núcleo profissional.

Aspectos Metodológicos

Para responder ao objetivo desta pesquisa, a revisão de escopo mostrou-se o método mais adequado. Esse tipo de revisão é proposto para mapeamento da literatura num determinado campo de interesse, sobretudo quando se trata de revisão inédita (Cordeiro & Soares, 2020), condensando e publicando os dados e apontando as lacunas de estudos existentes (Arksey & O'Malley, 2005).

Esta revisão utiliza o guia de relatório de revisão de escopo *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR) (Tricco et al., 2018). Seguindo as orientações apresentadas pelo PRISMA-ScR, elaborou-se uma pergunta norteadora para este estudo, tendo como elementos-chave a população ou participantes, os conceitos e o contexto. Assim, desenvolveu-se a seguinte pergunta: Como a literatura científica aborda as discussões sobre o campo e o núcleo profissional da terapia ocupacional em saúde mental no contexto brasileiro?

Foram incluídos estudos empíricos e teóricos, publicados em português, entre janeiro de 2012 e maio de 2023, incluindo artigos, teses e dissertações. Estudos que não abordam o campo da saúde mental foram excluídos.

O levantamento foi realizado entre maio e junho de 2023 em três etapas. Na primeira etapa, a pesquisa foi realizada nas bases de dados Redalyc e Google Acadêmico; na segunda, foram examinadas as listas de referência dos artigos que surgiram na primeira etapa para garantir a utilização da literatura relevante do tema; na terceira, foram pesquisados os estudos na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Em todas as etapas, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Terapia Ocupacional, Saúde Mental, Núcleo Profissional ou Terapia Ocupacional, Saúde Mental e Núcleo de Competência nas bases de dados nacionais, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Bases de dados, estratégia de busca e referências.

Estratégias de busca	Bases de dados/Recurso de informação	Referências recuperadas
"Terapia Ocupacional" AND "Saúde Mental" AND "Núcleo Profissional"	Redalyc	1
	Google Acadêmico	293
	BDTD	1
"Terapia Ocupacional" AND "Saúde Mental" AND "Núcleo de Competência"	Redalyc	5
	Google Acadêmico	34
	BDTD	0

Ao todo, foram encontrados 334 trabalhos, sendo excluídos 23 trabalhos duplicados, resultando em 311 estudos para análise preliminar. Com base na leitura dos títulos, foram excluídos 254 estudos que não atendiam aos critérios de inclusão. Dessa forma, foram selecionados 57 artigos para leitura dos resumos, dos quais foram excluídos 49 artigos por não atenderem aos critérios de inclusão. Portanto, foram selecionados sete artigos e uma tese de dissertação para leitura na íntegra, sendo que uma dessas publicações foi excluída por não correlacionar o núcleo profissional com a saúde mental. A partir desse processo, foram incluídos sete trabalhos para a elaboração deste estudo. Os processos de mapeamento dos dados são apresentados no fluxograma (Figura 1) elaborado com base no modelo *Prisma Flow Diagram*.

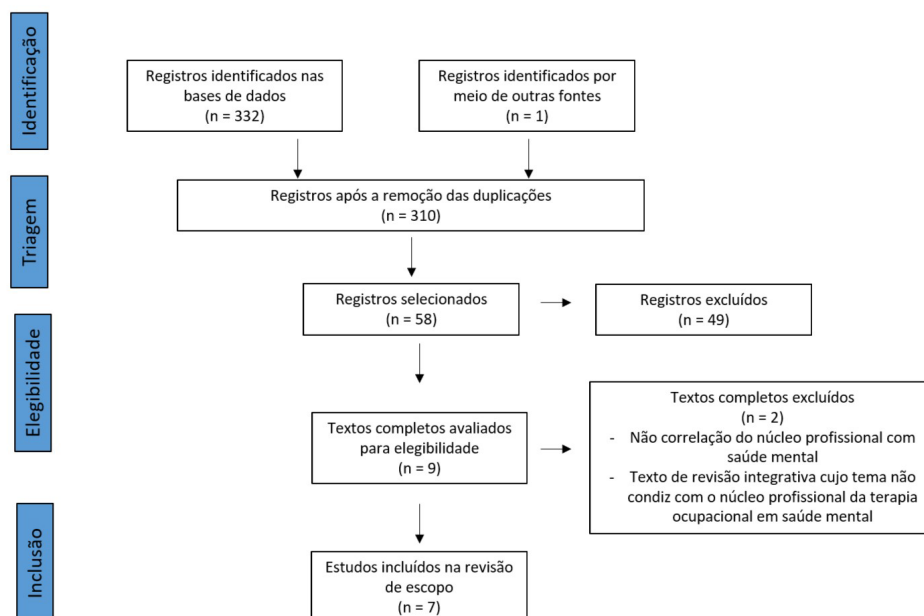


Figura 1. Fluxograma de busca. Fonte: Moher et al. (2009).

Resultados

A Tabela 2 apresenta as características dos estudos selecionados quanto à temática, objetivos e método.

Tabela 2. Tema, objetivos, desenho e participantes dos estudos selecionados.

Autor(es)	Tema	Objetivos	Desenho	Participantes
Gozzi & Lussi (2013)	Avaliação inicial realizada por terapeutas ocupacionais na rede de saúde mental	Estudar o processo de avaliação dos terapeutas ocupacionais em diferentes equipamentos que compõem a rede de serviços de saúde mental	Estudo de caso transversal descritivo com abordagem qualitativa	13 terapeutas ocupacionais

Tabela 2. Continuação...

Autor(es)	Tema	Objetivos	Desenho	Participantes
Assad et al. (2016)	Práticas de terapeutas ocupacionais nos CAPS	Identificar as estratégias de cuidado utilizadas por terapeutas ocupacionais em Centros de Atenção Psicossocial e compreender como essas estratégias contribuem para a reabilitação psicossocial.	Estudo descritivo, de abordagem qualitativa, realizada através de entrevista com análise de conteúdo temática	5 terapeutas ocupacionais de 3 CAPS.
Prodócimo et al. (2018)	Prática da terapia ocupacional no Consultório na Rua.	Conhecer e Analisar a atuação da terapia ocupacional no Consultório na Rua junto às equipes e usuários	Pesquisa de abordagem qualitativa com caráter exploratório de entrevistas semiestruturadas.	5 terapeutas ocupacionais.
Oliveira & Ferigato (2019)	Prática da terapia ocupacional com mulheres vítimas de violência doméstica	Identificar e analisar práticas e tecnologias de intervenção terapêuticas ocupacionais na atenção à mulheres vítimas de violência doméstica	Estudo de caráter qualitativo, a partir de perspectivas definidas pela pesquisa-ação, tendo a observação participante, além de entrevistas semiestruturadas.	4 terapeutas ocupacionais.
Bueno et al. (2021)	Oferta de cuidado para crianças e adolescentes realizada por terapeutas ocupacionais	Caracterizar as práticas dos terapeutas ocupacionais na rede de atenção à saúde mental infantojuvenil do município de Belo Horizonte, MG.	Estudo qualitativo, exploratório-descritivo através de entrevistas semiestruturadas para o tratamento com análise de conteúdo temática.	18 terapeutas ocupacionais
Táparo (2023)	Núcleo de Competência da terapia ocupacional no campo de saúde mental infantojuvenil.	Identificar a perspectiva de terapeutas ocupacionais envolvidos na atenção psicossocial de crianças e adolescentes sobre o núcleo profissional da terapia ocupacional no campo da saúde mental infantojuvenil.	Estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualiquantitativa, com utilização de questionário online e grupo focal.	59 terapeutas ocupacionais e 48 não terapeutas ocupacionais.
Trevisan et al. (2023)	Trabalho de terapeutas ocupacionais em Centro de Atenção Psicossocial	Compreender a atividade de trabalho de terapeutas ocupacionais em um Centro de Atenção Psicossocial, indagando sobre os saberes e valores que os orientam	Pesquisa qualitativa de abordagem ergológica com utilização de o diário de campo, análise de implicação e dispositivo dinâmico a três polos p	4 terapeutas ocupacionais.

Análise do Conteúdo dos Estudos

Com base na análise do conteúdo dos estudos, identificaram-se regularidades temáticas delineadas nesta pesquisa como fatores indicativos para apresentação, sendo elas: 1. Ações do núcleo específico da terapia ocupacional e 2. O campo em saúde mental e a clínica comum.

Ações do núcleo específico da terapia ocupacional

O debate sobre o núcleo específico aparece nos artigos com a perspectiva de descrever como terapeutas ocupacionais têm se debruçado sobre o saber específico da profissão em suas práticas cotidianas nos equipamentos de saúde mental, sobretudo nos equipamentos públicos.

Oliveira & Ferigato (2019) apresentam reflexões sobre as práticas e tecnologias de intervenção terapêuticas ocupacionais com mulheres vítimas de violências no âmbito da atenção básica em saúde, delineando o núcleo profissional da terapia ocupacional nesse contexto. Para isso, essas autoras realizaram uma pesquisa-intervenção, com observação participante e entrevistas semiestruturadas, com quatro terapeutas ocupacionais trabalhadoras de unidades de saúde. Elas destacam que o encontro de terapeutas ocupacionais com as vítimas ocorre, principalmente, em decorrência dos impactos da violência na saúde mental dessas mulheres.

Dessa forma, essas autoras constataram que terapeutas ocupacionais contribuem para o processo de cuidados ofertados a mulheres vítimas de violência, em função do arcabouço técnico-científico da terapia ocupacional, podendo assim intervir na cotidianidade dessas mulheres e em seus contextos, ampliando o próprio repertório e rompendo com os ciclos de violência. As práticas descritas pelas entrevistadas, que delineiam as tecnologias de cuidado da terapia ocupacional com essas mulheres, envolvem o uso de atividades expressivas para a identificação e elaboração da experiência de violência; a identificação de papéis ocupacionais e dinâmicas cotidianas que colaboram para a manutenção da violência doméstica e familiar; a construção de estratégias de intervenção e enfrentamento da situação de violência com a mulher e seus familiares; e, por meio de ações de geração de renda, autocuidado, oficinas terapêuticas, promovem a ampliação da autopercepção, autossuficiência, autonomia da mulher e fortalecimento das redes sociais de suporte.

O estudo de Prodócimo et al. (2018) trata da atuação da terapia ocupacional no Consultório na Rua e do núcleo profissional com a população atendida. O Consultório na Rua é uma das estratégias do Plano Emergencial de Ampliação de Acesso ao Tratamento e Prevenção em Álcool e outras Drogas (PEAD), que visa ampliar o acesso aos serviços assistenciais por intermédio de ações de saúde na rua. Essas autoras ressaltam que o encontro entre terapeutas ocupacionais e a população em situação de rua é mediado, muitas vezes, pela inserção em uma rede de serviços socioassistenciais, pelo acometimento de transtornos mentais ou por outros problemas de saúde.

Para responder ao objetivo de sua pesquisa, essas autoras entrevistaram cinco terapeutas ocupacionais de três municípios do estado de São Paulo. Para essas autoras, a terapia ocupacional possui suas especificidades nesse trabalho, com ênfase na atividade humana e no cotidiano dos sujeitos. No entanto, elas destacam que, no trabalho em equipe, há um sobreposição de fronteiras em relação às ações do campo da atenção básica em saúde e às demandas oriundas da rua. As terapeutas ocupacionais entrevistadas não adotam o referencial teórico específico da profissão. Tal fato, segundo essas autoras, pode ser entendido como uma prática sem teoria, enfraquecendo a terapia ocupacional na relação com outras profissões. Na avaliação das entrevistadas, a presença da terapeuta ocupacional nas oficinas terapêuticas e nas atividades cotidianas das equipes facilita a vinculação das pessoas em situação de rua com a equipe, além de facilitar um cuidado para além de questões clínicas,

com aproximação pela via do desejo de criação, tecendo formas de convivência e de encontro que reinventam territórios e formas de enfrentamento de violências.

Prodócimo et al. (2018) concluem que, no trabalho in loco, é possível ampliar as estratégias de cuidado ofertadas para além de ações curativas, ao mesmo tempo que se identificou que as ações de núcleo se mostraram como uma estratégia potente para ajudar os usuários a se apropriarem de seu processo de cuidado. Para essas autoras, foi possível identificar, por meio das entrevistas, que a terapia ocupacional, em colaboração com os usuários, agencia a vida cotidiana que a rua possibilita para cada um, utilizando atividades como meio.

Assad et al. (2016) trazem reflexões sobre as práticas terapêutico-ocupacionais desenvolvidas nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e seu papel nos processos de reabilitação psicossocial. Trata-se de um estudo qualitativo que utilizou entrevistas semiestruturadas aplicadas a cinco terapeutas ocupacionais de três CAPS.

Esses autores identificaram que as práticas realizadas por terapeutas ocupacionais evidenciam que as ações específicas do núcleo profissional da terapia ocupacional se direcionam para o fazer humano e para a ampliação do cotidiano, com o objetivo de promover a inserção social e a autonomia. Destacam que essas práticas se apoiam em um contexto disciplinar, mas também na inter-relação com outras disciplinas, por meio de dinâmicas inter e transdisciplinar que compõem o trabalho nesse campo. Eles enfatizam que o delineamento do núcleo da terapia ocupacional está nas propostas e estratégias baseadas no cotidiano. Para eles, a especificidade do núcleo da terapia ocupacional, com o cotidiano como lócus da intervenção, vai ao encontro das propostas do novo cuidado em saúde mental, contribuindo para os processos de reabilitação psicossocial.

Bueno et al. (2021) buscaram caracterizar as práticas de terapeutas ocupacionais na rede de atenção à saúde mental infantojuvenil no município de Belo Horizonte - MG. Para tanto, realizaram entrevistas semiestruturadas com dezoito terapeutas ocupacionais distribuídos pelos dispositivos de atenção: nove nas Equipes Complementares, cinco nos Centros de Atenção Psicossocial da Infantojuvenil (CAPSij) e quatro na coordenação regional do Programa Arte da Saúde.

Os resultados mostraram que as práticas de terapeutas ocupacionais das equipes complementares estão voltadas para a atenção ao desenvolvimento e à aquisição de habilidades. Todas as terapeutas ocupacionais dessas equipes apontam o brincar como eixo principal de suas intervenções, e destacam sua importância para o cotidiano e o desenvolvimento infantil. Já no CAPSij, essas autoras identificaram que uma mescla das ações que se identifica com outros fazeres profissionais, não havendo especificações do núcleo da terapia ocupacional, o que acaba gerando certas tensões no que se refere à identidade profissional. As terapeutas ocupacionais participantes dessa pesquisa justificaram sua participação na equipe multiprofissional pela “diversidade de olhares” na compreensão dos fenômenos/questões apresentadas no campo, e não pelas ações profissionais. Em relação ao dispositivo Arte de Saúde, as terapeutas ocupacionais exerciam funções de gestão.

Em consonância com a proposta de Bueno et al., Táparo (2023) procurou identificar o núcleo profissional da terapia ocupacional no campo da saúde mental infantojuvenil. Para tanto, realizou um estudo descritivo-exploratório em duas fases em que participaram 107 profissionais, sendo 59 terapeutas ocupacionais e 48 profissionais de outras áreas. Todos os participantes responderam a um questionário online na primeira fase desse estudo. Em sua segunda fase, participaram 32 profissionais: 20 terapeutas ocupacionais e 12 profissionais de outras áreas, distribuídos em dois grupos focais online. Duas sessões foram realizadas para

cada grupo de participantes. Os resultados mostraram que as atividades específicas da terapia ocupacional na atenção e cuidado à saúde mental da criança e do adolescente identificadas pelos participantes foram: práticas centralizadas nas ocupações, atividades da vida diária, rotinas e cotidiano dos indivíduos; a atenção integral aos sujeitos, compondo trabalho em rede e intersetorial; a atuação ao sofrimento psíquico intenso e o manejo das situações de crise e a atuação nos casos mais graves e complexos. O estudo demonstra as especificidades da terapia ocupacional no campo da saúde mental infantojuvenil e a contribuição da terapia ocupacional para a construção do cuidado a essa população.

Trevisan et al. (2023) investigaram o trabalho de terapeutas ocupacionais nos CAPS abordando os saberes e os valores que as orientam. Conduziram uma análise ergológica com quatro terapeutas ocupacionais, utilizando diário de campo, análise de implicação e dispositivo dinâmico com três polos – que consiste em analisar o polo dos saberes da experiência, dos saberes acadêmicos e da emergência de novos saberes.

Como as ações territoriais constituem um trabalho coletivo da equipe, a referência ao cotidiano – amplamente presente no arcabouço teórico-prático da terapia ocupacional – potencializa as intervenções no território e a organização das atividades da vida das pessoas, conferindo aos terapeutas ocupacionais maior segurança nessas ações em comparação com os outros profissionais. Além disso, mesmo não sendo uma preocupação central no raciocínio clínico das terapeutas ocupacionais, o uso de atividades no encontro com o usuário, em um fazer com significado e sentido na história de sua vida, pode favorecer saídas em situações de crise.

Essas autoras destacam que um diferencial sutil da prática de terapeutas ocupacionais nos CAPS reside no “olhar”, podendo constituir-se em uma perspectiva específica de abordagem que não resulta necessariamente em ações e/ou intervenções, mas na capacidade de ver e trazer potência à vida. Elas concluem que o diálogo com as terapeutas ocupacionais participantes do estudo permitiu afirmar que os saberes do núcleo profissional dialogam com aqueles do campo da saúde mental e com os adquiridos na trajetória profissional e pessoal de cada uma. As ações técnicas da terapia ocupacional envolvem um compromisso com as transformações sociais, a escuta do sujeito em sofrimento psíquico e o manejo das singularidades de cada caso.

Gozzi & Lussi (2013) abordam o processo de avaliação por terapeutas ocupacionais em diferentes equipamentos que compõem a rede de cuidado em saúde mental. Essas autoras realizaram um estudo de caso transversal descritivo com abordagem qualitativa, entrevistando 13 terapeutas ocupacionais inseridas nos equipamentos de saúde mental de uma das regiões do departamento de saúde do estado de São Paulo.

Os resultados apontaram fragilidade das participantes em afirmarem o núcleo profissional da terapia ocupacional, decorrentes, segundo essas autoras, do desconhecimento da profissão na justificativa dos procedimentos diante da equipe. Além disso, mostraram que terapeutas ocupacionais estão envolvidos na chegada dos usuários aos serviços de saúde mental e na avaliação inicial. No processo avaliativo com a equipe e na elaboração do plano terapêutico individual, terapeutas ocupacionais contribuem especificamente, centrando-se no fazer, no cotidiano e na inserção social dos usuários. As avaliações terapêutico-ocupacionais são realizadas de forma informal, contando com instrumentos criados pelas profissionais.

As demandas endereçadas às terapeutas ocupacionais dentro dos serviços envolvem atividades da vida diária (AVDs); autonomia e independência; inserção social; ocupação e ociosidade; e afetividade e cuidado. Já as demandas específicas para o atendimento em

terapia ocupacional, segundo os aspectos avaliados pelas terapeutas ocupacionais em saúde mental, incluem as áreas de desempenho; rotina, hábitos e cotidiano; aspectos cognitivos; organização e interesses; e AVDs e atividades instrumentais da vida diária (AIVDs).

Essas autoras apontam, ainda, ser necessário relacionar a terapia ocupacional à ocupação, uma vez que as ocupações são focos da terapia ocupacional quando pensadas em cotidianos ativos e significativos para as pessoas. Ressaltam que, apesar das possibilidades descritas, essa proposta precisa ser melhor explorada para que não se confunda as ações da terapia ocupacional com a identificação de uma ocupação do tempo ocioso para os sujeitos. Para essas autoras, esta é uma tarefa fundamental que requer o empenho de terapeutas ocupacionais nos processos de mudança dessa compreensão, tanto do ponto de vista da prática nos serviços, quanto na teoria, por meio de investigações dessa temática em estudos.

Os estudos trazem em comum práticas com ênfase na atividade humana, na ocupação e no cotidiano, visando à inserção social e à autonomia dos sujeitos. Embora essas autoras não aprofundem essa discussão, referem-se a esses elementos do cuidado como constituintes do núcleo profissional da terapia ocupacional em saúde mental.

O campo da saúde mental e a clínica comum

No que se refere ao campo da saúde mental brasileira e à clínica comum, a oferta de cuidado em terapia ocupacional exercida nesse campo abrange todas as complexidades do Sistema Único de Saúde (SUS), garantindo, assim, o acesso da população, em maior ou menor grau, às práticas terapêutico-ocupacionais. Nesse sentido, os estudos selecionados apresentam a atuação de terapeutas ocupacionais em diferentes níveis de complexidade, bem como com diferentes grupos assistidos: adultos, adolescentes e crianças. Os estudos, além de abordarem a especificidade da terapia ocupacional, que define o núcleo profissional dessa área, trazem contribuições da terapia ocupacional naquilo que estamos chamando de clínica comum. As ações destacadas nos estudos, que pertencem ao campo da saúde mental e não especificamente ao núcleo de competência profissional dos terapeutas ocupacionais, mostram como a terapia ocupacional se posiciona nesse campo.

O estudo conduzido por Prodócimo et al. (2018) afirma que a terapia ocupacional, assim como outras profissões da área da saúde, apresenta suas especificidades com base nos recursos materiais e imateriais que compõem a cena de intervenção e cuidado. Contudo, o trabalho em equipe ocorre em uma zona de sobreposição das fronteiras disciplinares, dadas as necessidades presentes no campo da Atenção Básica em Saúde (ABS) e todas as demais demandas que emergem da relação sujeito-território. Esse estudo centra-se no trabalho de terapeutas ocupacionais no Consultório na Rua, cujos princípios norteadores são a redução de danos, a garantia dos direitos da população em situação de rua e a possibilidade de acesso aos serviços da rede de saúde e de suporte. Destaca a colaboração da terapia ocupacional no trabalho in loco, nas possibilidades de cuidado na rua, na produção de cultura e nas produções de vida que o território oferece.

Oliveira & Ferigato (2019), ao realizarem um estudo sobre as questões de atenção a mulheres vítimas de violência doméstica e familiar na ABS a partir da perspectiva da terapia ocupacional, constatam que, apesar de as ações nesse campo não serem o foco principal da pesquisa, foi possível identificar que a equipe interdisciplinar compreende a ABS como um espaço estratégico para o enfrentamento da violência doméstica,

enfazando a estratégia saúde da família como facilitadora desse processo, por meio de intervenções familiares, em grupo, individuais e também ações intersetoriais.

Algumas das ações voltadas à atenção básica identificadas pelas participantes desse estudo incluem “[...] acolhimento, práticas de humanização, acompanhamento de saúde mental, visitas e acompanhamentos domiciliares, escuta qualificada, orientações gerais e específicas, práticas integrativas e complementares, criação de redes em colaboração com outros serviços e setores e redes socioassistenciais de suporte” (Oliveira & Ferigato, 2019, p. 518).

Gozzi & Lussi (2013) alertam para a questão de que, nos serviços substitutivos, as avaliações realizadas por uma equipe interdisciplinar por meio de grupos de acolhimento ou acolhimento inicial não são específicas do terapeuta ocupacional. Nesse sentido, Trevisan et al. (2023) destacam o Projeto Terapêutico Singular (PTS), realizado no CAPS, no qual um profissional de referência, independentemente de sua formação, deve acompanhar o usuário e sua família.

Nesses equipamentos, que operam sob uma lógica interdisciplinar, as formas de atuação dos terapeutas ocupacionais envolvem grupos de atividades e oficinas terapêuticas, desenvolvidas com outros membros da equipe como parte da responsabilização pelo processo terapêutico dos sujeitos envolvidos. Nem sempre as decisões sobre as ações realizadas pelos terapeutas ocupacionais são exclusivas do núcleo da terapia ocupacional (Gozzi & Lussi, 2013; Assad et al., 2016; Trevisan et al., 2023).

Gozzi & Lussi (2013) destacam que, assim como é necessário refletir sobre o fato de que a inserção das pessoas nos serviços por meio de atividades já existentes nos espaços institucionais nem sempre atendem às demandas que elas apresentam aos profissionais ao chegarem ao serviço, sendo esse um aspecto que deve ser considerado com cuidado e atenção.

Em relação às ações desenvolvidas por terapeutas ocupacionais nos CAPS, Assad et al. (2016), assim como Trevisan et al. (2023), apontam que algumas das estratégias utilizadas, como visita domiciliar, atendimento familiar, grupos, atendimentos à crise, matriciamento em saúde mental e discussões de caso, não são exclusivas à terapia ocupacional, mas estratégias comuns a outras profissões da área da saúde, como psicologia, enfermagem e assistência social. Assad et al. (2016) destacam a necessidade de maior articulação entre os profissionais da equipe e de reflexões sobre a especificidade da atuação dos terapeutas ocupacionais.

Trevisan et al. (2023) apontam que, embora existam diferenciais nas práticas de terapeutas ocupacionais nos CAPS, a especificidade não é reivindicada pelas participantes da pesquisa. As terapeutas ocupacionais participantes valorizam a interdisciplinaridade, mesmo reconhecendo as potencialidades da própria formação para o trabalho no CAPS. Elas destacam ainda o reconhecimento, por parte das participantes, da importância da ênfase nos ideais da reforma psiquiátrica durante a formação acadêmica. Para essas autoras, a partir dos resultados, firma-se entre as terapeutas ocupacionais o compromisso ético-político com o cuidado em liberdade, com a valorização da escuta, do trabalho no território e da construção conjunta com os sujeitos, visando à diminuição do sofrimento e ao restabelecimento e fortalecimento dos laços sociais.

Conforme o exposto, terapeutas ocupacionais participam ativamente do trabalho no campo da saúde mental, caracterizado por uma lógica interdisciplinar, compartilhando a produção de cuidado com várias atividades comuns e/ou em parceria com outros profissionais de saúde mental. Reafirma-se a terapia ocupacional na tessitura de uma

clínica comum, buscando um modelo de atenção psicossocial em práticas profissionais que transcendem os limites disciplinares de cada profissão envolvida nesse processo.

Discussão

Os estudos apresentados nesta revisão são investigações qualitativas, de natureza descritivo-exploratórias, com poucos participantes, nas quais foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, reforçando a produção de conhecimento voltada aos campos de significados de terapeutas ocupacionais sobre suas ações no campo da saúde mental e que integram a rede de atenção psicossocial. Diante da proposta de delineamento do núcleo profissional em saúde mental, ressalta-se a importância de continuar a busca por significados, mas destaca-se também a necessidade de explorar pesquisas com métodos quantitativos, para acesso a dados que indiquem tendências e padrões das ações de terapeutas ocupacionais que configuram esse núcleo profissional.

No cenário das práticas de cuidado em saúde mental, terapeutas ocupacionais têm desenvolvido seus trabalhos de forma significativa e potente, com vistas à sustentação e manutenção do modelo de atenção psicossocial. Ao longo dos anos, terapeutas ocupacionais participaram ativamente do movimento de desinstitucionalização da loucura e do processo da Reforma Psiquiátrica Brasileira (Wachholz & Mariotti, 2009). Tais processos, reflexões e pressupostos transcenderam as lógicas que sustentavam o modelo manicomial e passaram a dar contorno à atuação profissional na terapia ocupacional. Assim, dos critérios médico-científicos que garantem a tutela e impedem a participação social do indivíduo com seus direitos, cede-se espaço à emancipação. O ato terapêutico centra-se na produção de autonomia e cidadania ativa. Dessa forma, a terapia ocupacional passa a integrar um projeto de emancipação dos sujeitos, deixando de ter como foco principal a mera supressão de sintomas (Constantinidis & Cunha, 2016).

Nesse cenário, ao mesmo tempo em que surgem novas possibilidades de atuação, inserção nas políticas públicas e em novos programas, a terapia ocupacional reforça suas ações em um campo comum e, como indicam alguns dos estudos que compõem esta revisão, de certa forma traz uma sobreposição dos limites de especificidade do núcleo profissional. Isso ocorre porque o campo da saúde mental brasileira, dadas suas premissas e perspectivas, convoca os fazeres profissionais para um cenário de interconexão e intersecção de saberes e práticas na produção de atenção e cuidado.

Entende-se que a busca pela inscrição da terapia ocupacional no campo da saúde mental depende da consistência na reprodução de suas práticas e saberes. No entanto, esta revisão revelou uma escassa produção nacional sobre o tema, com a seleção de artigos que apenas tangenciam o assunto e poucas produções que centralizam a questão. Assim, ao mapearmos as práticas de terapeutas ocupacionais, encontramos com facilidade um fazer aportado nessa proposta híbrida e transdisciplinar, como apresentado por Lima & Ghirardi (2008). A seleção também apresenta uma amostra das ações da terapia ocupacional em saúde mental em diferentes pontos da rede e com grupos populacionais distintos. Os estudos desta revisão mostram ainda a terapia ocupacional imersa no modelo de atenção psicossocial, construindo ações que são comuns a outras profissões, na estruturação de uma clínica comum no campo da saúde mental.

Nos esforços para concretizar esse novo modelo de cuidado à saúde mental dos sujeitos e, conseqüentemente, esse campo de atuação profissional para a terapia ocupacional, vale

ressaltar que a atenção psicossocial requer profissionais abertos a fluxos de trocas e interrelações, superando a cristalização da identidade profissional e buscando ações coletivas e criativas. A falta de fronteiras e a sobreposição de limites entre disciplinas e profissões faz parte do campo da saúde mental, no modelo de atenção psicossocial (Costa-Rosa, 2013). Além disso, na elaboração conceitual proposta por Campos (2000), núcleo e campo são mutantes e intercambiáveis, tornando-se difícil detectar limites entre eles. No entanto, reafirma-se a perspectiva de Galheigo (1999, p. 49), para quem “[...] nossa dificuldade não se localiza na dificuldade de abertura de nossa disciplina para novos olhares, mas ao contrário, de afirmar qual o contorno de ‘nossa disciplina’”. Ferreira (2012, p. 72) afirma que hoje “[...] outra volta se faz necessária: do ‘todos fazem tudo’ a ‘cada um faz o que lhe concerne’, sem, entretanto, permitir retornar o corporativismo indesejável que também já teve lugar de destaque na história” e que é constantemente impulsionado a retornar. Para essa autora, é necessário sustentar o fazer que é de todos – tarefas e condução de dispositivos em saúde mental que todos os profissionais podem realizar –, mas também reconhecer o fazer específico de cada profissão.

Retornando à definição de Campos (2000), o núcleo profissional é composto por conhecimentos sistematizados e práticas que demarcam uma área de saber e uma prática profissional. Nesse sentido, os estudos selecionados dialogam com essa discussão e, embora evidenciem a atuação de terapeutas ocupacionais no campo da saúde mental, contribuem para a sistematização de ações desses profissionais no delineamento do núcleo profissional em saúde mental. Segundo as pesquisas apresentadas, ao se referirem ao núcleo profissional, as terapeutas ocupacionais entrevistadas sustentam seus fazeres relacionando-os à atividade humana, ao fazer humano, à ocupação e ao cotidiano. A atividade humana, a ocupação e o cotidiano são objetos da terapia ocupacional, fazem parte do referencial da profissão e integram a área de saber profissional, compondo o núcleo profissional.

Em relação à prática profissional, que, juntamente com a área de saber, compõe o núcleo profissional, os terapeutas ocupacionais citaram alguns instrumentos utilizados, como oficinas e oficinas de geração de renda. A atuação de terapeutas ocupacionais em oficinas, por exemplo, não é uma função exclusiva desses profissionais; tanto as oficinas quanto as atividades desenvolvidas pelos usuários nesses espaços são ações interdisciplinares (Juns & Lancman, 2011; Constantinidis & Cunha, 2016). No entanto, para além da diferença do olhar do terapeuta ocupacional, que não necessariamente resulta em ações, mas nas abordagens (Trevisan et al., 2023), alguns estudos ressaltam a existência de manejos específicos da terapia ocupacional que facilitam a vinculação dos usuários, aproximando-os pelo desejo de criação e pela construção de novas formas de convivência (Prodócimo et al., 2018; Oliveira & Ferigato, 2019). Além disso, o trabalho no território, característico do campo da saúde mental e do trabalho interdisciplinar, foi apontado por uma das pesquisas como uma área em que terapeutas ocupacionais demonstram maior segurança em relação a essas ações (Trevisan et al., 2023). Nesse sentido, tanto os manejos nas oficinas quanto as ações territoriais têm um fazer específico da terapia ocupacional que precisa ser melhor elucidado e que caracteriza a profissão no campo da saúde mental.

Ainda em relação às atividades específicas da terapia ocupacional na atenção e cuidado à saúde mental, foram citados o treinamento nas AVDs e o treinamento nas AIVDs. O treinamento nessas atividades, por sua vez, é exclusivo da terapia ocupacional,

embora não seja exclusivo do campo da saúde mental, sendo também uma atribuição da terapia ocupacional em outras áreas de atuação.

Os objetivos apresentados pelas terapeutas ocupacionais participantes estão em consonância com a atenção psicossocial, com ênfase na inserção social, na autonomia e na cidadania. Nesse sentido, o cuidado centra-se na emancipação, na produção de autonomia e de cidadania ativa, superando a relação de tutela que limita a potência do sujeito (Torre & Amarante, 2001).

Considerações Finais

Esta revisão de escopo aponta a necessidade de avanços nas pesquisas e na sistematização de conhecimentos sobre o núcleo profissional da terapia ocupacional em saúde mental. Os estudos trazem contribuições que delineiam alguns contornos desse núcleo, apresentando avanços no conhecimento sobre o tema. No entanto, observamos que o núcleo profissional da terapia ocupacional em saúde mental não é o tema central dos estudos, o que resulta em um tratamento tangencial das questões, com poucos aprofundamentos. Nesse sentido, é importante que estudos futuros se dediquem à especificidade do tema, para que possamos avançar na caracterização do núcleo profissional da terapia ocupacional no campo da saúde mental.

As pesquisas apresentadas nesta revisão são frutos de investigações qualitativas, de caráter descritivo, voltadas para os significados atribuídos por terapeutas ocupacionais à sua prática em diferentes equipamentos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e com populações distintas. Dado o pequeno número de artigos encontrados, reforça-se a importância de investigações qualitativas, quantitativas e mistas sobre o tema. É relevante promover pesquisas nessa direção, pois elas podem trazer elementos novos e poucos explorados na terapia ocupacional, como dados mais objetivos que identifiquem tendências e auxiliem na configuração do conhecimento sobre o tema.

Os estudos identificados são oriundos de equipamentos do Sistema Único de Saúde (SUS), desenvolvidos em serviços relacionados à Política Nacional de Saúde Mental. Esse fato merece destaque, considerando o cenário neoliberal, no qual é crescente a atuação de terapeutas ocupacionais em serviços privados, onde predomina a oferta de terapias especializadas para aquisição de habilidades e modelagem de comportamento, especialmente para crianças com autismo. Nessa perspectiva, esses estudos reafirmam o desenvolvimento da terapia ocupacional em práticas realizadas no sistema público e alinhadas a uma agenda de direitos.

Como limitação desta revisão, aponta-se o número de artigos identificados, que foi menor do que o esperado. Observa-se que, além da já mencionada escassez de estudos sobre o tema, foram utilizadas as palavras-chave “núcleo profissional” e “núcleo de competência” na busca dos artigos. Essas palavras-chave remetem a conceitos teóricos nem sempre utilizados em estudos que visam identificar o que é específico da terapia ocupacional no campo da saúde mental.

Referências

- Amarante, P., & Torre, E. H. G. (2017). Loucura e diversidade cultural: inovação e ruptura nas experiências de arte e cultura da Reforma Psiquiátrica e do campo da Saúde Mental no Brasil. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 21(63), 763-774.

- Arksey, H., & O'Malley, L. (2005). Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, 8(1), 19-32.
- Assad, F. B., Pedrão, L. J., & Cirineu, C. T. (2016). Estratégia de cuidado utilizado por terapeutas ocupacionais em centros de atenção psicossocial. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 24(4), 743-753.
- Benetton, J., & Marcolino, T. Q. (2013). As atividades no método terapia ocupacional dinâmica. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 21(3), 645-652.
- Bueno, K. M. P., Almeida, S. C., Sales, M. M., & Salgado, M. F. (2021). Práticas de terapia ocupacional na rede de saúde mental da criança e do adolescente. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, e2877.
- Campos, G. W. S. (2000). Saúde Pública e Saúde Coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(2), 219-230.
- Constantinidis, T. C., & Cunha, A. C. (2016). Desinstitucionalizando conceitos: a terapia ocupacional em busca de um (novo) lugar no cenário da saúde mental. In T. S. Matsukura & M. M. Salles (Eds.), *Cotidiano, atividade humana e ocupação: perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental* (pp. 37-59). São Carlos: EDUFSCar.
- Cordeiro, L., & Soares, C. B. (2020). Revisão de escopo: potencialidades para a síntese de metodologias utilizadas em pesquisa primária qualitativa. *Boletim do Instituto de Saúde*, 20(2), 37-43.
- Costa-Rosa, A. (2013). *Atenção Psicossocial além da Reforma Psiquiátrica*. São Paulo: Editora Unesp.
- Ferreira, T. (2012). Casa da Palavra: a clínica reinventada e a saúde mental infantojuvenil. In T. Ferreira & V. L. Bontempo (Eds.), *Crianças e adolescentes: o cuidado em saúde mental - o trabalho feito por muitos* (pp. 69-77). Curitiba: CRV.
- Feuerwerker, L., Capazzolo, A., Capozzolo, A. A., Casetto, S. J., & Henz, A. O. (2013). Mudanças na formação dos profissionais de saúde: alguns referenciais de partida do eixo TS. In A. A. Capozzolo, S. J. Casetto & A. O. Henz (Eds.), *Clínica comum: itinerários de uma formação em saúde* (pp. 35-58). São Paulo: Hucitec.
- Furtado, E. A., & Fischer, M. C. B. (2011). Método da escavação em terapia ocupacional: um dispositivo dinâmico a três polos? *Trabalho, Educação e Saúde*, 9(Supl. 1), 175-199.
- Galheigo, S. M. (1999). Transdisciplinaridade enquanto princípio e realidade das ações de saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 10(2-3), 49-54.
- Galheigo, S. M., Braga, C. P., Arthur, M. A., & Matsuo, C. M. (2018). Produção de conhecimento, perspectivas e referências teórico-práticas na terapia ocupacional brasileira: marcos e tendências em uma linha do tempo. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 26(4), 723-738.
- Gozzi, A. P. N. F., & Lussi, I. A. O. (2013). A avaliação inicial no processo de trabalho do terapeuta ocupacional na rede de saúde mental. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 21(3), 537-551.
- Henz, A. D. O., Garcia, M. L., Costa, S. M., & Maximino, V. S. (2013). Trabalho entreprofissional: acerca do comum e a cerca do específico. In A. A. Capozzolo, S. J. Casetto & A. O. Henz (Eds.), *Clínica comum: itinerários de uma formação em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Juns, A. G., & Lancman, S. (2011). O trabalho interdisciplinar no CAPS e a especificidade do trabalho do terapeuta ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 22(1), 27-35.
- Lima, E. M. A., & Ghirardi, M. I. G. (2008). Transdisciplinaridade e práticas híbridas em saúde mental. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 19(3), 153-158.
- Miranda, Á. B., & Cardozo, M. L. M. (2018). Atenção primária à saúde e apoio matricial: desafios e limites do trabalho compartilhado. *Tempus: Actas de Saúde Coletiva*, 12(2), 9-26.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., & Altman, D. G. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS Medicine*, 6(7), e1000097.
- Oliveira, G. M., & Daltro, M. R. (2020). 'Coringas do cuidado': o exercício da interprofissionalidade no contexto da saúde mental. *Saúde em Debate*, 44(spe3), 82-94.
- Oliveira, M. T., & Ferigato, S. H. (2019). A atenção às mulheres vítimas de violência doméstica e familiar: a construção de tecnologias de cuidado da terapia ocupacional na atenção básica em saúde. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(3), 508-521.

- Pádua, E. M. M., & Feriotti, M. L. (2013). *Terapia ocupacional e complexidade: práticas multidimensionais*. Curitiba: Editora CRV.
- Paim, J. S. (2006). Planejamento em saúde para não especialistas. *Tratado de Saúde Coletiva*, 2, 767-782.
- Prodócimo, C., Milek, G., & Ferigato, S. H. (2018). Atuação da terapia ocupacional no consultório na rua. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 29(3), 270-279.
- Quarentei, M. S. (2001). Terapia ocupacional e produção de vida. In *Anais do 7º Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional* (pp. 1-3). Porto Alegre: ABRATO.
- Romagnoli, R. C., & Silva, B. C. (2022). Interseccionalidade e a esquizoanálise: conquistas macropolíticas e retrocessos micropolíticos. *Psicologia e Sociedade*, 34, e249960.
- Táparo, F. A. (2023). "O que se faz, como se faz, por que se faz?": focalizando o núcleo da terapia ocupacional no campo da saúde mental infantojuvenil (Tese de doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Recuperado em 20 de março de 2023, de <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/17834>
- Torre, S. H. G., & Amarante, P. (2001). Protagonismo e subjetividade: a construção coletiva no campo da saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, 6(1), 73-85.
- Trevisan, E. R., Almeida, D. T., & Barros, V. A. (2023). O trabalho de terapeutas ocupacionais em um Centro de Atenção Psicossocial: para além das fronteiras disciplinares. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO*, 7(2), 1735-1751.
- Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M. D. J., Horsley, T., Weeks, L., Hempel, S., Akl, E. A., Chang, C., McGowan, J., Stewart, L., Hartling, L., Aldcroft, A., Wilson, M. G., Garrity, C., Lewin, S., Godfrey, C. M., Macdonald, M. T., Langlois, E. V., Soares-Weiser, K., Moriarty, J., Clifford, T., Tunçalp, Ö., & Straus, S. E. (2018). PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): checklist and explanation. *Annals of Internal Medicine*, 169(7), 467-473.
- Wachholz, S. M. S., & Mariotti, M. C. (2009). A participação do terapeuta ocupacional na reforma psiquiátrica e nos novos serviços de saúde mental. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 17(2), 147-159.

Contribuição dos Autores

Cleber Henrique de Melo e Teresinha Cid Constantini contribuíram igualmente na concepção do texto, análises necessárias e revisões indicadas. Todos os autores aprovaram a versão final do texto.

Autor para correspondência

Cleber Henrique de Melo
e-mail: cleberhmel@outlook.com

Editora de seção

Profa. Dra. Adriana Miranda Pimentel